

MUSICALIDADE CLÍNICA EM MUSICOTERAPIA: UM ESTUDO TRANSDISCIPLINAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA COMO UM SER MUSICAL-CLÍNICO

PIAZZETTA, C. M. de F.¹; CRAVEIRO DE SÁ, L.²

Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás – EMAC-UFG. Clara Márcia de Freitas Piazzetta: Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás (Linha de Pesquisa – Musicoterapia: convergências e aplicabilidades); Musicoterapeuta Clínica; Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná, em 1988. Leomara Craveiro de Sá: Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP; Musicoterapeuta Clínica; Especialista em Psicologia Transpessoal; Docente no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia – NEPAM/CNPq.

Endereço : Av. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco, nº 626. Cristo Rei, CEP 82.530-020. Curitiba – PR. Fone: (41) 3262-4428 e-mail clamarci@bol.com.br

Material necessário: Data show, vídeo e TV

Resumo: Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a musicalidade do musicoterapeuta, a partir de concepções relacionadas ao tema existentes na própria literatura musicoterápica. Emergente de questionamentos oriundos da prática clínica da pesquisadora, este estudo objetiva oferecer mais uma possibilidade de compreensão da escuta musical clínica e da produção musical clínica do musicoterapeuta no *setting* musicoterápico. Fundamentada na Teoria da Complexidade, Biologia do Conhecer e Musicoterapia Contemporânea, apresenta mais um mecanismo de entendimento do fenômeno triádico – musicoterapeuta, cliente e música – na dimensão do contexto clínico musicoterápico. A discussão dos resultados desvela a Musicoterapia em sua essência transdisciplinar e o musicoterapeuta como um ser musical-clínico que faz uso de sua musicalidade ao atuar profissionalmente nos espaços relacionais clínicos, apresentando características recursivas e consensuais de cooperações mútuas. Musicalidade clínica revela-se, assim, como algo constitutivo da identidade profissional do musicoterapeuta, este ser musical-clínico.

Palavras-chave: Musicoterapia, Música, musicalidade, musicalidade clínica.

¹Clara Márcia de Freitas Piazzetta: Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás (Linha de Pesquisa – *Musicoterapia: convergências e aplicabilidades*); Musicoterapeuta Clínica; Graduada em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná em 1988.

²Leomara Craveiro de Sá: Doutora em Comunicação e Semiótica – PUC/SP; Musicoterapeuta Clínica; Especialista em Psicologia Transpessoal; Docente no Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás; Coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Atendimentos em Musicoterapia – NEPAM/CNPq.

Abstract: This work introduces the results of a qualitative research about the musictherapist's musicality. From conceptions, that can be found in the Music Therapy literature, related to the theme, emerging from primitive questions about the researcher's clinical practice. The reported study aims to offer another possibility of understanding the musictherapist's clinical musical listening and to perform it at the setting. Founded in the Complexity Theory, the Biology Knowledge and the Contemporary Music Therapy, shows an extra mechanism of understanding the triadic phenomenon — musictherapist, client and music — in the dimension of Music Therapy clinical context. The discussion of the results reveals the transdisciplinary essence of Music Therapy and the musictherapist as a clinical musical being who makes use of their musicality when working professionally in the clinical related spaces that show recursive and consensual characteristics of reciprocal cooperation among musictherapist, co-therapist, client and music. Clinical musicality can be revealed on that way as something constitutive of musictherapist's identity, this clinical musical being.

Key-words: Music Therapy, Music, musicality, clinical musicality.

MUSICALIDADE CLÍNICA EM MUSICOTERAPIA: UM ESTUDO TRANSDISCIPLINAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO MUSICOTERAPEUTA COMO UM SER MUSICAL-CLÍNICO

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

Esta é uma proposta de pesquisa qualitativa em Musicoterapia (AIGEN et al. 1996) já concluída, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Música/Musicoterapia da Universidade Federal de Goiás com o tema: *Musicalidade Clínica: uma compreensão da escuta e da produção musical do musicoterapeuta no contexto clínico da Musicoterapia*. Propõe uma maior compreensão da musicalidade clínica e fundamenta-se nos aspectos da nova Musicoterapia de Aigen, Stige e Ansdell & Pavlicevic; na obra de Maturana & Varela, “Biologia do Conhecer”; e nas concepções de Edgar Morin sobre a “Teoria da Complexidade”. Este trabalho apresenta os resultados obtidos pela pesquisadora, a partir do objetivo da pesquisa: investigar, através de estudo teórico e da análise de material coletado na prática clínica, como a musicalidade do musicoterapeuta apresenta-se na Musicoterapia, contribuindo para uma melhor compreensão do fenômeno musical neste contexto relacional. Considerando-se o espaço clínico um lugar propício à recursividade, terapeuta e cliente encontram-se num acoplamento estrutural em que suas musicalidades, ao se encontrarem de forma consensual, constroem caminhos que podem levar a transformações.

2. METODOLOGIA

1. Quanto à abordagem:

Este é um projeto de pesquisa qualitativa, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFG. A pesquisa de campo foi desenvolvida em duas fases: a primeira, no Laboratório de Musicoterapia da EMAC-UFG e a segunda, contou com a colaboração e 5 musicoterapeutas de diferentes regiões do país. Como é pertinente à pesquisa qualitativa, constrói-se a metodologia à medida em que o pesquisador se aproxima do objeto de estudo e da realidade na qual está inserido. Na primeira etapa da pesquisa, o sujeito é a proponente da pesquisa que foi observada em seus atendimentos clínicos por uma musicoterapeuta observadora. Na segunda etapa, os sujeitos são profissionais musicoterapeutas convidados e o papel de observador fica a cargo da musicoterapeuta proponente da pesquisa.

2. Na 1ª e 2ª etapas da pesquisa utilizou-se, como instrumentos para a coleta de dados, os relatórios de observações descritivas das sessões musicoterápicas, as gravações em VHS e as transcrições das entrevistas realizadas com os sujeitos pesquisados. Quanto à análise dos dados, após a análise dos dados registrados nos relatórios de observação das sessões clínicas, nas transcrições das entrevistas e nos registros audiovisuais, foram feitos cruzamentos desses dados, visando encontrar pontos comuns que auxiliassem na compreensão do fenômeno musical no contexto musicoterápico. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, e o campo de pesquisa envolver a espaço de inter-subjetividade dos musicoterapeutas, não foi utilizado um protocolo fechado de análise de vídeo, mas sim foram se desvelando os momentos mais intensos (e inesquecíveis) relacionados à musicalidade do musicoterapeuta. Os resultados foram compilados em uma dissertação de

mestrado que, por sua vez, foi apresentada e defendida perante uma banca examinadora montada especificamente para este fim pela Comissão do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos bibliográficos realizados revelaram que os conceitos de musicalidade clínica (BARCELLOS, 2004, BRANDALISE, 2003) são idéias em processo no âmbito da Musicoterapia brasileira. Com isso, pela constituição transdisciplinar da Musicoterapia, para compreender sua essência e a complexidade das relações entre Arte e Ciência, explícita nos fenômenos das experiências musicais na Musicoterapia, um pensamento dialógico³ (MORIN, 2001) fez-se necessário. Buscou-se uma forma de ajuda através da utilização da música, sons e movimentos, intermediada por uma relação terapêutica efetivada pelo musicoterapeuta. A música e suas propriedades estão à disposição do musicoterapeuta, concebido, nesta pesquisa, como um “ser musical-clínico”. Um ser que admite trabalhar com a música ao mesmo tempo externa – audições, improvisações, composições e recriações musicais – e interna ao homem – enquanto modo de ser de cada pessoa, sua musicalidade, as utilidades que faz da música e, ainda do fazer musical em todos os sentidos (dançar, trabalhar, relaxar, fazer exercícios, namorar, estudar e etc). Nesse contexto, ao se conceber o musicoterapeuta e o cliente como seres autopoieticos⁴ permitiu a efetividade do linguajar musicoterápico no ato de ‘musicalidades em ação’(ANSDELL & PAVLICEVIK, 2004).

Considerando-se que excelentes músicos não são necessariamente excelentes musicoterapeutas, as Formações em Musicoterapia precisam possibilitar que o músico eduque sua musicalidade para o trabalho clínico. Como “ser musical-clínico”, sua musicalidade está para a relação e não para a interpretação de obras musicais apenas. Assim, faz-se necessário que o musicoterapeuta conheça sua *music child* (NORDOFF & ROBBINS, 1977) para então conceber uma musicalidade educada para relações de ajuda, na intermediação de relações.

4. CONCLUSÃO

Pela intensidade das produções musicais diversificadas, existentes nos processos musicoterápicos analisados, a musicalidade clínica favorece a emergência de “fios sonoros” (Barcellos, 1999), onde detalhes aparentemente insignificantes, que muitas vezes aparecem nos elementos da música, em ritmos, melodias, timbres, harmonias, gestos e tempos musicais etc., contribuam para favorecer a reconstrução da história pessoal de cada cliente. Dessa maneira, a teia sonora composta de fios sonoros, apresentada por Barcellos (1999), tem um sentido único para cada cliente. Cada elemento de criação musical do cliente, alcançado pela musicalidade clínica do musicoterapeuta, torna-se um ponto de certeza, uma

³ A Teoria da Complexidade considera a existência de um pensamento que congregue as diferenças, acolha a complementariedade de conceitos aparentemente contrários, que permita a ordem e a desordem, a certeza e a incerteza de forma dialógica “mantendo a dualidade no seio da unidade” (Morin, 2001, p.107-109)

⁴ Autopoiese representa que os seres vivos e, em especial, os seres humanos são constituídos por organismo e sistema nervoso fechado porém, conectado com o meio. Sua autonomia, ,então, não é sustentada pelo meio em que está, mas pelo “próprio sistema”, proporcionando uma ‘fenomenologia biológica’ que lhe é própria (MATURANA & VARELA, 2001, p. 61).

intersecção entre tramas sonoras, como que amarras sonoras da obra musical composta em cada processo musicoterápico. Essa teia, por sua vez, cria um espaço de segurança, confiança e cooperação mútua (Craveiro de Sá, 2002). ‘Musicalidade clínica’ integra, assim, a identidade do profissional musicoterapeuta e, portanto, abrange acontecimentos, movimentos e ações em todos os âmbitos de sua prática profissional. Faz-se pela capacidade do musicoterapeuta de doar-se em uma entrega incondicional ao outro (cliente), diante do ser e estar ‘na’ e ‘com’ a música nos encontros inter-subjetivos, inter-relacionais recursivos e consensuais de musicalidades em ação. Musicalidade clínica favorece, assim, musicalidades intensas compartilhadas e estas levam aos momentos inesquecíveis, às experiências culminantes repletas de energias transformadoras tanto para musicoterapeutas quanto para seus clientes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AIGEN, K. FROMMER, J. LANGENBERG, M. **Qualitative Music Therapy Research**. USA: Barcelona Publishers, 1996.
- ANSDELL, Gary & PAVLICEVIC Mercédès. *Community Music Therapy*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2004.
- BARCELLOS, L.R. A importância da Análise do tecido musical para a Musicoterapia. Dissertação de Mestrado em Musicologia do Conservatório Brasileiro de Música no Rio de Janeiro. 1999.
- _____. Musicalidade Clínica IN *Musicoterapia alguns escritos*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004
- BRANDALISE, André. (org) Musicoterapia Músico-centrada: das influências à sistematização do Paradigma por André Brandalise. In: BRANDALISE, André (org). *I Jornada Brasileira de Musicoterapia Musico-Centrada*. São Paulo: Apontamentos, 2003. p. 9 -28..
- CRAVEIRO DE SÁ, L. **A teia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. São Paulo: Tese de doutorado, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2002.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte. Editora UFMG: 2002.
- MATURANA, H. & VARELA, F. **A árvore do conhecimento, as bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athena. 2001.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. 3ª Lisboa: Ed. Instituto Piaget. 2001
- _____. **A cabeça bem feita, repensar a reforma reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrano Brasil. 2004.
- NORDOFF, Paul. & ROBBINS, Clive. *Creative Music Therapy*. New York, NY: John Day, 1977.

FONTE DE FINANCIAMENTO – CAPES (Bolsa para aluno de Pós-Graduação/ Mestrado)